

Converter-se, isto é, recuperar continuamente a fé

Retiro de Quaresma da Fraternidade do Movimento Comunhão e Libertação (CL).

Domingo, 21 de fevereiro de 2021, por videoconferência.

Notas da assembleia final conduzida por Dom Paulo Alves Romão, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, e Marco Montrasi, Bracco, o responsável nacional de CL.

Colocação: Antes de começar o meu testemunho, eu queria dizer que foi uma coincidência essa música do início: *Volver a los 17*. Fiquei comovida de ouvi-la depois daquilo que eu escrevi, porque é aquilo que diz a música, que “*Se va enredando, enredando... como el mosquito en la piedra*”, é aos poucos. Essa é a experiência que a gente tem feito aqui. Mudamos para Porto Alegre em outubro de 2019, com o desejo de viver intensamente – o desejo e a pretensão – de viver intensamente a vida aqui, fazendo os gestos do Movimento, a Coleta, fazer as coisas acontecerem aqui. Quando chegou a pandemia, os nossos planos foram suspensos. Então começamos a nos perguntar por que Deus nos trouxe aqui, e se para Ele bastava o nosso *home office*; se era isso mesmo que Ele pedia para a gente aqui. Essas perguntas e a companhia de perto, através dos gestos online (que, graças a Deus, têm acontecido), têm escancarado a nossa conversão, ao invés da nossa própria satisfação, como dizia Dom Paulo. Desde levar a sério a Escola de Comunidade das quintas-feiras com o grupo de São Paulo, porque nos foi pedido para preparar a música inicial, e isso nos obriga a minimamente ler o texto, para conseguir pensar em alguma coisa, até o e-mail da Secretaria, propondo a missa em Ação de Graças pelo reconhecimento da Fraternidade. Tudo isso tem se tornado meu e tem me movido e me gerado, antes de eu querer gerar alguma coisa. Hoje nós celebramos essa missa, numa igreja que a gente frequenta. A gente simplesmente pediu para o padre colocar nas intenções da missa, e a gente tinha um desejo de chamar a nossa comunidade daqui, que na verdade, hoje, somos eu e meu marido e outra amiga que está viajando. Então convidamos as nossas amigas, Irmãs da “Fraternidade O Caminho”, que é uma derivação da Ordem Franciscana que a gente conheceu porque um dia o meu marido sentiu a necessidade de procurar um mosteiro aqui, para ser olhado pela monja como descrito em *O brilho dos olhos*, como a freira olhou para um menino desfigurado e disse que ele era ouro. Então, levando a sério o desejo do nosso coração, a gente conheceu também essas Irmãs. E aí quando a gente pensou em fazer a missa, quando aceitamos esse desafio, eu pensei: vou convidar as nossas amigas, porque é quem nós temos aqui, é quem Deus tem nos dado. E, para nossa comoção, elas vieram com muita disponibilidade participar com a gente. Depois elas nos convidaram para um café e nos perguntaram o que era o Movimento, perguntaram sobre a nossa vida... Explicando para elas o que era o Movimento, eu entendi aquilo que Dom Paulo retomou também: “Quanto mais se vive o carisma, mais vivemos a Igreja”. Porque é o carisma do Movimento Comunhão e Libertação que me faz abraçar essas Irmãs e desejar aprofundar essa amizade que o Senhor nos deu para viver aqui, que é muito diferente da ideia que eu tinha antes de vir, mas é totalmente correspondente. Eu agradeço a vocês pela companhia nesse período que, apesar do isolamento físico, tem sido um período de grande graça e presença. Obrigada.

Dom Paulo: Obrigada a você. O que você diz aqui é exatamente um dos pontos que nós dissemos: “não mudar o método”. O que é que nos fascinou, pouco a pouco, e fez com que nós experimentássemos uma novidade de vida? Primeiro foi um encontro, um encontro tão bonito. Depois, a fidelidade a esse encontro. Então eu acho que a definição,

o modo como Ratzinger nos falou, dizendo que “a fé é uma obediência de coração àquela forma de ensinamento ao qual nós fomos consignados” é uma afirmação sintética, a meu ver, daquilo que você está dizendo. Porque a fidelidade ao Movimento, a uma companhia assim, o encontrar-se sempre, viver a Fraternidade, é o que nos permite estar presentes em qualquer lugar. Encontrar as freiras, encontrar qualquer pessoa, sendo você, comunicando o que você vive. Isso é impressionante como acontece. É a experiência que eu faço com tantos outros Movimentos, com outros grupos. É exatamente isso. Agora: a condição para que isso seja vivido, mais uma vez, é mesmo a fidelidade, a obediência a um lugar, a uma companhia, à presença do Mistério tão sensível, tão concreta, tão atraente para nós, que é o carisma do Movimento. Eu digo isso porque é a experiência que eu faço e que você faz, obrigado por dizer isso.

Colocação: Gostaria de entender como reconhecer toda a realidade como dada pelo Mistério. Por exemplo, como reconhecer a dor, a morte, a pandemia, como algo dado pelo Mistério? Muitas vezes o próprio homem, pelo seu pecado, causa a dor, o sofrimento. Como isso pode ser dado pelo Mistério? Vejo que o homem foi o causador. Acredito que às vezes acontece uma fatalidade, mas Cristo pode estar em tudo, em toda a realidade, Ele vence qualquer situação que possamos viver. Vence até a morte, como disse São Paulo, que a resposta à morte é ver o outro ressuscitado. Então, vejo Cristo em tudo, mas não vejo que ele é responsável por toda a realidade, porque existem realidades bem duras, que eu não acredito que Ele gostaria que passássemos.

Dom Paulo: Há uma passagem, na Primeira Leitura de hoje, sobre o dilúvio. Depois que acontece o dilúvio e tudo o mais, aparece o arco-íris, e lá está dito: “Deus se arrependeu daquilo que fez”. E depois diz que jamais fará isso. E, de fato; para responder à sua pergunta: Deus não respondeu à dor, ao sofrimento... O que Ele fez? Cristo não explicou a dor, abraçou-a, na realidade concreta. A resposta de Deus é a misericórdia, é a compaixão. Tanto é que, quando diz na Primeira Leitura que Deus se arrependeu, significa justamente que Deus abraça, envia Seu Filho para abraçar, para perdoar, para dar significado, para colocar uma esperança para todos, também para os bandidos, também para os pecadores, que somos nós. Então, Ele morre na Cruz, ressuscita, para que nós tenhamos esperança, para que nós entendamos que o nosso delito, o nosso pecado não nos define. O que nos define é a misericórdia infinita do Senhor, que tem um nome, é Jesus Cristo. Para que nós entendêssemos que também a dor, o sofrimento, as dificuldades da vida que nos são dadas – porque a realidade é limitada, é finita – não são um empecilho para viver a fé: é a condição que o próprio Deus utilizou para que nós entendêssemos que a última palavra não é o pecado, não é a dor, não é o sofrimento, não é a maldade: é o amor e a misericórdia. Quem fez um encontro como nós fizemos, e começamos a experimentar isso, de modo particular no carisma que nos ajuda tanto a entender isso, nós entendemos que toda a realidade é positiva. Ele nos escolhe para que nós experimentemos um “mais” de vida. Começamos a viver a vida com mais verdade, com mais beleza, justamente para sermos testemunhas d’Ele e de alguma forma construir o Reino de Deus que é uma novidade, uma beleza, que mesmo pessoas às vezes perdidas e confusas, encontrando-nos, podem mudar radicalmente suas vidas. Então a resposta nunca é abstrata, é uma novidade que você começa a viver e vai propondo. Termino dando um exemplo: o Carrón conta que uma amiga dele que estava no hospital, em crise existencial, muito triste, liga para ele. Ele diz a ela: “Mas o fato de estar aqui, de ter de sofrer, tira agora o fato de que você é feita, pertence a Alguém?” Eu nunca esqueço desse exemplo do Carrón, desta amiga dele, que

tinha problemas psiquiátricos e estava no hospital, triste, sofrendo. Ele insiste: “Mas isso impede o fato de você agora ser amada?”. No dia seguinte, ela liga para ele e diz: “Carrón, fazia tempo que eu não dormia tão bem uma noite”. Porque ela entendeu isso. Que na raiz está um mistério bom, que é Pai.

Bracco: Sabe que uma coisa que me marcou desde o início, que eu não entendia muito bem (era uma coisa que batia como um “pá, pá!”) e eu ficava meio ligado para entender, era como Carrón falava do real. Não tem uma frase sua, que não cite, que não coloque algo que tenha a ver com o real. O real, a potência do real, a beleza do real. O real... Pra mim, o real sempre foi algo um pouco abstrato, nunca tão real quanto ele falava. Porque o meu desejo era Cristo real, de João, André, era viver aquilo que encontrei. Muitas vezes, o real não é tão evidente e corresponde àquilo que eu desejo, que eu quero percorrer, etc. Mas, aos poucos, estou começando a entender. Porque é a mesma coisa com Carrón: eu fico atento. Ficando atento, eu comecei a perceber também Dom Giussani, lendo as coisas. Como, por exemplo, em Padre Pigi, que não tinha uma separação entre o real e o relacionamento com Cristo. Quer dizer, o relacionamento com Cristo passa através do real. E o real tem algo dramático, porque muitas vezes tem uma cara horrível, uma cara que não queremos. Só que, se você vê esses santos, por exemplo, Padre Pigi: para ele, antes do real tinha a abertura dele ao real, como alguém que estava chegando. Viver o real sempre como alguém que está chegando aí, que está querendo encontrar você aí, que está querendo que eu descubra algo aí, ou que eu viva aquela coisa e não entenda e, dentro do tempo, eu possa descobrir. Quer dizer, essa forma que, quanto mais se torna real a presença de Cristo e o relacionamento com ele, começa a se tornar outra coisa o relacionamento com o real. O real é sempre como uma abertura a um relacionamento. É como era com Cristo. Cristo não queria passar pela cruz. Nesses dias, vamos ler tudo aquilo que, se você vê, é uma tragédia. É um horror. Se a gente estivesse lá... Naquele encontro que para nós se tornou um encontro que emociona, se a gente estivesse lá, é um encontro dramático, horrível, de sangue, de morte. Só que Jesus viveu aquele real com aquela abertura, com aquela disponibilidade. Porque lá dentro tinha algo que tinha a ver com o relacionamento com o Mistério, que tinha a ver com o bem, que não era claro naquele momento. Então também nós podemos ver, através de Cristo, mas, através de pessoas, através dos santos, que o real não é totalmente uma maravilha. Mas o real começa a se tornar o lugar do relacionamento com essa presença, que é a presença que me faz viver, me faz viver o real, me faz ser inteiro no real; onde eu posso me sentir abraçado, vivendo o real. O real que tem muitas vezes uma cara que não é simpática. Então o problema é: que tipo de experiência tem dentro do real. É que coisa incrível quando começa a se tornar uma coisa só: a espera do real que chega, do instante que passa, junto com essa presença que me salva, que dá consistência à minha vida. Essa é a promessa que nos foi feita, de viver o real assim. Não separado: a seleção do meu real com aquilo que é ruim e depois tem a sua presença com o Mistério que me ama. Não: esse relacionamento com a Presença que me ama é dentro do real. É no real que se descobre. Então depende da nossa abertura. A Quaresma que começa pode nos ajudar a entender mais o que estamos falando. Como Cristo viveu o real, que dignidade teve aquele real para Cristo.

Colocação: Ouvindo Dom Paulo e retomando depois o texto *Deixar marcas* que, na página 121, diz assim: “A essência do carisma de Comunhão e Libertação pode ser resumida num anúncio cheio de entusiasmo e surpresa, de que Deus se fez homem e de que esse Homem está presente num sinal de concórdia, de comunhão, de comunidade, de unidade de povo”. Depois, um pouco mais à frente: “Cada um de nós é responsável

pelo carisma que encontrou. Cada um de nós é causa de declínio ou de incremento do carisma. É um terreno em que o carisma é desperdiçado ou dá fruto. A tomada de consciência de responsabilidade por parte de cada um de nós é algo extremamente sério, tanto em termos de urgência como em termos de lealdade e fidelidade”. Depois, um pouco mais pra frente, diz assim: “Por isso, o carisma assume uma flexão diferente e aproximativa, dependendo da generosidade de cada um”. Vocês poderiam aprofundar essas duas questões, que parecem ser fundamentais nesse percurso que a gente está fazendo, que são: responsabilidade e generosidade?

Bracco: O que você descobriu, neste tempo, sobre a generosidade e a responsabilidade com o carisma?

Colocação: Eu vejo assim: diante das circunstâncias que acontecem, o que é a responsabilidade? O que é a responsabilidade diante do carisma? Percebo, por exemplo, que a Escola de Comunidade tem sido para mim um tema bastante presente nesse sentido, porque é alguma coisa que me ajuda a estar dentro. Como Dom Paulo colocou, a gente está imerso no mundo e eu me vejo muitas vezes perdido dentro dos critérios do mundo. Mas, a partir da Escola de Comunidade, eu tenho a possibilidade de retomar esse caminho que é o caminho que o Movimento me propõe. Então, responsabilidade num sentido de levar a sério as propostas que são feitas; que passam, por exemplo pela Escola de Comunidade e as outras propostas que o Movimento faz. E a generosidade que é uma abertura. Por isso, diante do desconhecido, responder àquilo que está acontecendo, com esse coração, com esse coração pertencendo a esse lugar como se falou na primeira colocação. Então, responsabilidade e generosidade, acho que você contou uma vez, eu gostaria se você puder contar de novo, é alguém que tem um dom, que recebe um dom; então a partir desse dom você tem duas alternativas: ou você guarda esse dom numa gaveta – se você tem um dom de jogar basquete, guarda numa gaveta, e aí lá na frente você vê que você perdeu – ou você leva esse dom a sério. Queria entender mais essas duas coisas.

Bracco: Aquilo que me surpreende sempre quando a gente fala nisso, é que primeiro é uma ocasião para a gente, e cada um de nós pode jogar fora, ou pode cuidar bem desse dom recebido. Então Ele confiou isso a cada um de nós. Não é propriedade de uma elite, não é propriedade de Carrón agora... Isso é uma coisa de arrepiar. O Papa falou que o carisma é cuidar das raízes. Então significa estudar, conhecer, ver todas as vibrações de onde saiu essa forma de perceber Cristo presente. Então, cuidar das raízes. Mas a raiz, quando é cuidada, gera uma coisa nova, que não tinha na época de Dom Giussani. Essa coisa nova se forma no impacto com o real, como falamos antes. Essa é uma coisa de arrepiar também, porque significa que o carisma não é algo que você cuida como uma peça de museu, uma joia preciosa: é algo vivo! É algo vivo, e a vida dele depende de nós, como ele se confronta e vive dentro da realidade. Então, para que as raízes sejam sólidas, para que elas não se percam, para que sejam percebidas de novo como experiência daquela vibração, e para que essas raízes gerem a planta que cresce no impacto com o real, é preciso – como você falou – dessa responsabilidade que é eu receber, querer receber. Responder é querer receber, é querer cuidar. Abertura em querer ser sério com essa coisa, não dar por óbvio. Não pensar que ela é de outros: ela é sua, essa coisa é sua, de querer sentir o peso disso, no sentido bom. Porque senão não se descobrirá que impacto isso tem para viver a vida, para viver o real. Eu fico impressionado vendo muitos de nós, os testemunhos que a gente fala, etc., e ver como é viva uma raiz que vem de uma experiência bem precisa, de uma forma de perceber

Cristo dentro da realidade e como isso está criando uma presença viva dessa forma de perceber Cristo dentro do mundo.

Dom Paulo: Na minha experiência é assim: quanto mais você retoma, aprofunda essa riqueza da experiência que a gente vive, como Carrón escreve, tudo que eu leio, sempre me fascina, sempre me escancara. É uma coisa tão bonita que não tem como eu não querer comunicá-la para os outros. Gera iniciativa, gera gestos. Para dar um exemplo, eu vou em várias paróquias para a Crisma. E sempre falo dessas coisas. Tem sempre um ou outro que fala: “Dom Paulo, o senhor falou tão bonito, como posso aprender isso?”. Imediatamente, eu penso: “Olha, se você quer conhecer essa coisa, vou te apresentar meus amigos”. E aí, num jantar, chamo meus amigos universitários para que estes jovens possam conhecê-los. É um gesto muito simples, como propor a missa... Quer dizer, ir às raízes, você percebe o quanto isso lhe corresponde, que graça nós recebemos, que maravilha nos é dada! Então, naturalmente, desperta em nós também a paixão missionária, um desejo imenso de que outras pessoas possam encontrar o que eu encontrei. Então, ser generoso e gastar tempo é consequência de uma beleza, de um maravilhamento, de uma gratidão. O coração está tão cheio que você não quer ficar indiferente a nada. E aí naturalmente você se torna generoso, se doa. Eu entendo assim, acho que no fundo estou falando o que o Bracco está falando, só que de outra forma. E, nesse sentido, é verdade que, por uma graça que nos é dada, você cria iniciativas, cria propostas, mas não com o objetivo de aumentar o número de CL, mas porque o coração está cheio! Você começa a amar as pessoas de tal forma, que você não quer ficar indiferente a ninguém. Você tem algo bonito que lhe corresponde, que o fascina, então a generosidade nasce disso, com certeza. Gastar tempo, realizando as coisas, nasce disso.

Colocação: A minha pergunta é uma situação que se arrasta acho que para todo mundo já há alguns anos, que no dia a dia, no relacionamento com as pessoas, ainda mais agora que são relacionamentos mais mediados pelo celular, pelo computador, que surgem essas discussões, as polêmicas, em que a gente se envolve de uma forma às vezes forte. E eu me pergunto se esse envolvimento, certas tomadas de posição não podem ser às vezes uma certa mudança de método, como Dom Paulo acenou na palestra. Então, por um lado, tem a vida, tem a realidade, tem as coisas que acontecem, tem as pessoas que são afetadas por n coisas, então, são fenômenos que acontecem. É a realidade. Mas, por outro lado, por exemplo, não consigo imaginar Dom Giussani gastando tempo e tempo numa rede social ou de outra forma, assim, como se a salvação dependesse desse debate. Então, eu queria pedir ajuda também para encontrar um ponto justo nessa situação, e, ao mesmo tempo, não me omitir diante das coisas, mas não perder de vista o caminho, não ter essa mudança de método.

Bracco: Antes de olhar para fora de mim, precisamos estar preocupados com a parte de dentro. O que significa: qual é o ponto fonte do meu juízo? Como se cria o meu juízo? Sabe aquela coisa de alargar a razão também, que aprendemos no nosso carisma? Temos que voltar a estudar o que significa. Porque o maior exemplo é a forma de raciocinar que Jesus tinha. Quantos exemplos com os fariseus! Não era um grupo de WhatsApp no Evangelho, mas os fariseus faziam um monte de perguntas, colocavam para ele um monte de ciladas, colocavam sempre um monte de coisas com todo mundo olhando. Agora no WhatsApp todo mundo pode falar a própria opinião, então é bem mais complicado. Mas, como se forma a originalidade do meu juízo? Como se forma a certeza da descoberta de algo verdadeiro em mim, com tudo? Porque uma coisa que me marcou no encontro que eu fiz, primeiro é a seriedade com aquilo que acontece e a

possibilidade de eu pensar, de eu ter um juízo sobre as coisas. Porque quando você tem um juízo, é como uma explosão dentro, que se gera de dentro de você. Descobrir algo verdadeiro é um gosto que cada um de nós acho que experimentou. Mas é como Dom Giussani sempre fala: é como uma consciência que se dilata. Não é a reação a alguém que coloca em você uma ponta aqui. Então pensem como a gente julga, como se cria um juízo. Quando tem uma experiência de algo que se dilata em mim, ou quando é uma resposta a uma picada. Vejam as diferenças das nossas ideias. Então, quando a nossa forma de julgar, ou quando as nossas ideias começam a se tornar uma consciência que se dilata porque descobre uma coisa, isso gera também o método de como isso se comunica. Por exemplo: quando você descobre uma coisa bonita com os seus filhos. Quanto mais é verdadeira e bela aquela descoberta, mais isso indica também um método com o qual você tenta comunicar à sua filha, ao seu filho. Às vezes você não fala nada, ou às vezes você fala. Às vezes você tem que aumentar a voz, às vezes é melhor baixar a voz. Às vezes você tem que falar uma vez, e às vezes tem que repetir, tentar uma outra vez no dia seguinte. Vale com a esposa também, e com o marido. Então, primeiro, depende do quanto a descoberta da verdade lhe faz descobrir um gosto seu, de uma coisa verdadeira. Mas quando isso é descoberto também isso gera um método. Gera a forma de como você pode comunicar. Isso é aquilo que temos que ver hoje em dia. Porque nós podemos entrar com a bandeira da verdade em duzentas conversas e muitas vezes a gente vê que não adianta nada. Mas às vezes a descoberta de uma coisa verdadeira, que lhe deixa tão comovido que você às vezes não fala nada, mas uma pessoa vem procurar você depois. Então essa é a diferença entre o gosto de afirmar uma verdade dialeticamente ou a potência de descobrir com o tempo. E também não é que descobrimos tudo agora. Mas também um método de como enfrentar as coisas, como comunicá-las nos dias de hoje. Mas, para mim, quando você ama uma pessoa, é assim. Então, por exemplo, você tem um tema delicado, você tem uma coisa que não entendeu ainda: quanto mais você aprofunda, tanto mais você terá o gosto de ver todos os detalhes, de chegar a entender o porquê. Mas isso poderá gerar um juízo que lhe faz ficar com aquilo que é bom daquela coisa, poder julgar aquilo que não é bom, e poder também enfrentar uma discussão com as pessoas. Entende o quanto é importante não dar por óbvio que já sabemos tudo, não dar por óbvio que já temos todos os juízos fechados? O primeiro ponto é: como nós julgamos? Como chegamos àquele juízo? Que gosto temos por uma verdade que descobrimos? E isso vai gerar também um método que não tem uma receita de como entrar em todas as conversas, ou não entrar, e como entrar. Essa é a aventura que temos agora. E isso vale com os colegas, vale com os amigos, vale com os filhos, vale com o pessoal aqui em casa, com sua esposa, com seu marido.

Colocação: Queria começar agradecendo as palavras do núncio apostólico, Giambattista Diquattro. Impressionante essa exortação que ele nos fez, agradeço de coração. É muito lúcido tudo o que ele colocou. Sobretudo me fez pensar nessa inversão mesmo, que é Cristo provando o diabo. Isso para mim foi muito impressionante. Eu fiz duas perguntas e queria a ajuda de vocês. Tem um pouco a ver com isso que você acabou de colocar, Bracco: como superar a tentação da expressividade própria enquanto substituição do método. Porque eu vejo que uma pergunta que se aproxima disso é: como é que a gente equilibra a nossa resposta pessoal ao pedido de Cristo, na vida? Aquilo que Cristo pede de cada um. Como equilibrar essa resposta pessoal e não cair na expressividade a ponto de isso mudar o método, que é um pouco essa passagem que a gente viu ali que Dom Paulo nos ajudou. E daí eu consigo entender que tem a ver com a obediência. Então eu completo essa pergunta com: como a obediência nos faz ser mais nós mesmos? Essa é a

primeira pergunta, e a segunda tem a ver um pouco com as inquietações que nós temos aqui com os nossos jovens. A segunda pergunta é: como a gente ajuda os jovens a perceber quando a gente perde o Mistério no real? Um dos sintomas disso é aquilo que Dom Paulo disse, que a gente percebe que os jovens veem a realidade como uma bolha, ela se torna uma bolha, perde o gosto, eles não têm aquele ímpeto de ir além. Então são essas duas perguntas.

Bracco: Bom, eu começo uma parte. Essa coisa da obediência eu gosto demais, porque era uma coisa que eu sempre batia de frente, é uma palavra de que eu não gostava de jeito nenhum. É uma palavra um pouco hostil, para mim, pelo menos. Foi. Era. Um pouco dura. Mas eu tive uma experiência quando fiz o noviciado do Grupo Adulto, dos *Memores Domini*, nós trabalhávamos sobre o livro *É possível viver assim?* Então sugiro depois, quem quiser, retomar lá, porque foi onde eu mais aprendi o valor de uma palavra. Quando Dom Giussani falava de uma palavra, essas palavras a um certo ponto se abrem, como flores, se tornam uma outra coisa daquilo que eu pensava. Mas sentia o perfume diferente de uma coisa que antes era fechada, abstrata. Por exemplo, a palavra fé, a palavra esperança, e uma outra palavra é a palavra obediência. Então é muito bonito ver em nós também o percurso do nosso entendimento das palavras, das palavras da vida. A liberdade, a fé... E sempre fazer aquele exercício, vai lá e tenta explicar com as suas palavras, porque com as suas palavras significa “com a sua experiência”. Então, o que é para vocês a obediência? Obediência é seguir um outro, seguir aquilo que fala um outro. Mas um dia eu vi, numa conversa com Dom Giussani, ele fazer um exemplo que está aqui estampado na minha cabeça. Porque a obediência é como colocar a energia dentro de uma tomada. Não é um seguir que tenha fora, onde está excluído todo o seu eu. Seguir e obedecer é ter as razões de olhar para uma pessoa, querer que aquelas coisas entrem na sua vida, mas também é um ato que é como inserir na tomada. Então obediência não é só um ato formal seu, submisso, onde o outro é tudo e você é o pequenino que tem que ir atrás, suar, correr... Não: naquele ato, a energia passa dentro de você. Aquela coisa que marcou você, aquela coisa que você quer seguir, no ato da obediência, começa a passar dentro de você. Por isso não pode desligar a palavra “obediência” desse “ser filho”. Obediência e ser filho são a mesma coisa. Não tem “ser filho” sem “obediência”, não tem obediência que não gere ser filho. E o que é o filho? Filho é que você começa a descobrir dentro de você algo que não é seu, mas se tornou seu; pegou seus traços, algo que não é seu. E não tem coisa mais potente na vida que começar a fazer essa experiência. Obediência é isso, é essa coisa que você vai ter na cabeça que você intuiu de uma faísca – “Nossa, mas eu quero isso para minha vida”. “Nossa, eu quero ser como ele! Eu quero viver assim!” E isso quando se torna um ato da liberdade, uma decisão da liberdade, que também é isso, é uma coisa íntima antes de gerar uma ação, antes de ligar para o cara, pegar o WhatsApp e escrever: é uma coisa do seu íntimo, do seu desejo. É no desejo que começa tudo. A obediência começa no desejo. Porque é como uma faísca que começa a gerar no seu canto dos olhos uma presença. E isso gera essa coisa que você coloca na tomada. E a obediência não é só o ato formal: não, começa a passar daquela presença dentro de você, uma novidade; uma energia, uma coisa nova. E você começa a ter algumas vezes, depois mais vezes, depois você, como filho pródigo, pode ir embora, depois volta, mas você começa a ter momentos que são o momento do estupor, da maravilha. Que é a maravilha? É você se surpreender a dizer: “Nossa, mas essa coisa aqui é impossível! Essa coisa não é possível! Não é possível, mas acontece!” Não tem coisa mais bonita de surpreender o ser filho quando gera isso, que você fala: “É impossível! Mas está acontecendo”. Isso é maravilha. Maravilha é uma coisa que não seria possível, mas que está acontecendo. E

acho que não tem coisa mais geradora de maravilha que surpreender isso: que, com todo o seu pecado, com toda a sua fraqueza, com todos os seus limites, com todo o seu ir embora, com todo o seu voltar, no desejo, antes que nos atos, você surpreender essa maravilha de ser filho. Um vínculo. Por causa disso, você tem dentro algo que vem de um outro, mas que começa a se tornar seu.

Dom Paulo: Mas depois você falou também de como ajudar os jovens a entender e não perder o mistério no real. Mas por que você coloca essa pergunta?

Colocação: Eu convivo com muitos jovens também, inclusive universitários, e eu percebo que em alguns deles, talvez um pouco amplificado pela pandemia, a realidade se restringiu e eu não vejo neles sonhos, horizontes... Vou dar um exemplo bem mais concreto: ainda nesse final de semana, conversando com dois jovens, perguntei: “E aí, vocês vão fazer ENEM, vocês têm interesse em seguir?” Parece que a vida perdeu o brilho, ela está – como o senhor colocou ainda há pouco, e tem a ver com *O brilho dos olhos* – nessa bolha, que parece que perde o mistério. Então é um pouco uma pergunta em cima do que eu tenho vivido também aqui em casa. Não basta estar na Igreja, tem algo que vai além mesmo, como o senhor falou ainda há pouco.

Dom Paulo: Aqui me vem uma coisa que nós ouvimos tantas vezes, que Dom Giussani quando estava no trem indo para um certo local, não sei se era Rímini, viu muitos jovens com o distintivo da Ação Católica e, de repente, começou a conversar com esses jovens sobre coisas – imagina, isso nos anos 50, 60 – em que os jovens estavam muito envolvidos na igreja. De repente, percebeu que aqueles jovens, sobre coisas elementares do cristianismo, eram ignorantes. Ele fala que isso mudou radicalmente a vida dele, ele começou a se envolver com esses jovens, começou a dar aula para comunicar para eles aquilo que ele tinha recebido dos pais, do seminário, etc., e ele viu o que aconteceu. Mas eu digo que hoje, para nós, é mais dramático ainda. Você vê um deserto, por exemplo, com os alunos. E tem uma parte que é muito bonita, da Escola de Comunidade, que fala que nós somos chamados a restaurar as ruínas. Por isso, o ponto de partida nunca é abstrato, é a experiência que eu faço, que você faz. É aquilo que o Bracco disse, tornar-se filho. É belíssima essa imagem da energia, você coloca lá e aquela energia vem até você. Eu vejo pela minha experiência, agora como Bispo, mas antes acompanhando a juventude, não só do Movimento, mas de toda a Arquidiocese, eu vejo tudo isso. O que eu posso fazer? Como eu posso encontrá-los, ajudá-los a dar-se conta dessas coisas? Antes de tudo, eu, Paulo, devo viver de verdade isso, buscar aprofundar isso, ir às raízes, entendendo as razões. Essa tomada deve estar ligada a um lugar que me enche dessa energia, dessa novidade, dessa beleza. E sem me preocupar em “como”, de alguma forma, colaborar. Mas sim, propor gestos, encontrá-los, mas com essa novidade que você já carrega. É nesse sentido que a generosidade do carisma entra com essa obediência, essa fidelidade, com um lugar que nos gera assim, que nos ajuda a entender o Mistério dentro da realidade. E você, vivendo isso, essa novidade, quem fica perto de você percebe. Não tem como não perceber. Também, nesse caso, concretamente falando, sobretudo com os jovens, quem é professor, também pode propor iniciativas, para que eles possam encontrar essa novidade, essa beleza. Então, ser filho por um lado; por outro lado, exatamente por ser filho, por experimentar essa beleza, nesse ponto, gera em nós também uma criatividade. Como o Papa Francisco diz: novos métodos, novas propostas, mais atraentes, mais interessantes.

Bracco: Todas as vezes que se fala de “jovens”, eu não consigo não me ver quando eu era jovem. Eu era assim, eu vivia um mundo que era uma bolha, em busca de alguma coisa. Não estava nem aí com nada. Estava aí com algumas coisas, vamos dizer assim. Mas precisei que os meus olhos cruzassem com alguém que me falasse do infinito. Do infinito que era aquilo que estava borbulhando no meu coração. E sendo que nós agora, adultos, não vibramos mais pelo infinito, porque nos tornamos mais velhos, é como se não conseguíssemos, ou conseguimos com mais dificuldade, poder redespertar isso como uma coisa boa. Vejo a dificuldade de poder ver o abismo da tristeza, não como um buraco negro, mas como esse infinito que está gritando dentro. E se não se encontra alguém que o ajuda a mudar o sinal, de buraco negro para o infinito, você vive como se fosse sempre errado, vive como um desespero aquilo que pode se tornar a beleza de uma busca, de uma aventura. Então precisamos, primeiro nós, ter a vibração de novo, a consciência de que isso aqui é para nós, não é só para os jovens. Que eu possa vibrar de novo por isso, agora. Porque as coisas da pandemia são de todo mundo, não é só do jovem. Mas depois, que se possa encontrar pela rua, no Zoom, em qualquer lugar, alguém que tem os olhos que brilham, porque estão nessa busca de um infinito. E isso não é uma doença, não é uma coisa ruim, sabe? Pelo contrário. Só que isso é muito difícil hoje em dia, porque tem o medo, tem o medo que permeia tudo. Então é uma certeza que nós precisamos reconquistar, de que o coração do homem é bem feito, e todo mundo tem. E nós também precisamos recuperar a esperança e o gosto disso, porque muitas vezes nós adultos somos aqueles que mais têm o medo que domina, mais que a paixão pelo infinito que vibra dentro de nós. Então não conseguimos mais comunicar isso ao jovem. Então, quando acontece isso, olha, é uma sementinha que, quando eles cruzam com alguém assim – não é uma receita matemática – mas você vê logo que é como uma faísca num campo seco. Logo pega fogo! Para nós adultos demora muito mais, porque não somos erva seca, mas úmida. Demora para pegar fogo. Mas nos jovens, é assim. Então quando nós temos essa certeza, não vamos mais ter o peso, “ah, os jovens”... como o Papa diz, que às vezes repetimos: “Ah, não tem mais os jovens como antes”... Eu entendo bem a sua preocupação, também com os filhos, não é fácil. Mas precisamos reconquistar, não mais muito preocupados com eles, mas preocupados conosco, porque quando eles veem em alguém uma coisa dessa...! Acho que esse é o desafio hoje, para nós.

Colocação: Desde o dia 28 de novembro, eu e minha esposa começamos a fazer um cuscuz a cada 15 dias e estamos entregando para os moradores de rua próximos aqui de casa. Tem uma música do Claudio Chieffo, *Desire*, que ouvi num show dele, que fala o seguinte: “Então comecei a pensar de onde vinha aquela música. Comecei a pensar o que significa fazer música e que esse desejo de fazer música, não é apenas pela música, não acaba nela mesmo. Esse grande desejo para encontrar O belo é poder fazer com que os outros também o encontrem. Por isso a música se chama ‘Desejo’. Esse desejo é imenso, não acaba nunca. Então, cada pessoa que você encontra, você deseja que ela também encontre aquilo que você encontrou”. Então, parafraseando o Claudio, eu digo: eu comecei a pensar de onde vinha esse cuscuz. Comecei a pensar o que significa fazer o cuscuz e entregá-lo. Comecei a pensar que esse desejo grande de fazer o cuscuz não é apenas pelo cuscuz, não acaba em fazer essa comida. Então, é isso que tem acontecido com a gente. Eu nunca tinha me dado conta, como agora, de quanto eu sou imensamente grato toda vez que eu faço um belo prato de comida para os amigos em casa. Todos ficam felizes, comem bem. O único desejo, quando eu cozinho, é que os amigos, ao saborearem a comida, se sintam amados. Procuo fazer um prato bonito, saboroso, cheiroso, que estimule o paladar. Que não seja apenas para encher uma barriga vazia.

Quando fazemos o cuscuz, o desejo é o mesmo: que com o cuscuz aconteça também algo a mais. Parafrazeando o Claudio de novo, esse desejo é imenso, não acaba nunca. Então, a cada pessoa que você entrega o cuscuz, você deseja que ela também encontre aquilo que você encontrou. Nosso dia de sábado se inicia com a preparação de em torno de 28 quilos de comida com esse pedido. Precisamos cortar tudo – carne, cebola, tomate. A farinha de milho tem que ser preparada na noite de sexta-feira. Tudo é feito em casa, com utensílios domésticos, e uma única panela industrial onde misturamos tudo. Mas mesmo na panela industrial, precisamos fazer em sete partes. Os ovos são fritos em duas ou três frigideiras simultaneamente. Tudo é embalado em marmita de isopor. Trabalhamos de 6 a 8 horas sem parar, alimentados pelo desejo de que os que receberem as marmitas recebam mais do que um pouco de comida. Porque, se for só pela comida, o tempo que demoramos para retornar, se esperarem, terminarão mortos de fome, porque fazemos a cada 15 dias. Desta vez, conseguimos levar as bíblias que alguns deles pediram para a gente. E junto levamos alguns terços, que eles também pediram. Mas o extraordinário, o imprevisível, é que percebo naqueles homens que moram na marquise, num lugar onde a gente sempre encontra as mesmas pessoas – são um grupo de 8 a 10 – encontramos algo novo. Nos damos conta de que, ao levar mais do que alimento, e tratando-os com dignidade, percebemos que também eles passam a se sentir assim, dignos. Nunca pensamos em recuperar a dignidade de ninguém, era para levar comida. Mas podemos vê-la nos olhos deles o quanto são homens novamente quando estão conosco. Também encontramos novas pessoas, descobrimos um casal que nos contou que estão ali, na rua, morando em uma barraca, porque não puderam pagar o aluguel, provavelmente do cômodo em que eles moravam antes, e acabaram despejados. Já estavam nessa condição, na barraca, há dois meses. Então é isso que a gente está fazendo, a cada 15 dias a gente está fazendo uma centena de encontros. Esse era o dessa semana.

Bracco: De onde vem esse desejo imenso, que não acaba nunca?

Colocação: Eu recebi esse chamado em novembro. E aí falei para o meu marido e ele abraçou a ideia. Eu queria doar algo para os moradores de rua. E aí a gente começou a fazer o cuscuz. Para a gente, a cada entrega, é como se eu estivesse entregando a comida para Cristo. Eu não pensei em pandemia. Pensei que eu ia fazer um encontro com Ele, e eu precisava disso. Nós realmente cozinhamos o dia inteiro e os nossos filhos vão com a gente. Tenho dois amigos que não são do Movimento, mas que começaram a ajudar a gente, porque eles viram a forma como nós entregávamos, então eles falaram que queriam ficar perto da gente para poder nos ajudar. Eu senti uma exigência muito forte porque as pessoas estavam na rua precisando de comida. E estamos fazendo isso sem nenhuma pretensão.

Bracco: Obrigado.